

Apresentação

Regina Leite Garcia

Seria necessário [...] ressaltar o fato de que uma nova descoberta que se conserva como algo inerte não é um valor: a "originalidade" consiste tanto em "descobrir" quanto em "aprofundar", em "desenvolver" e em "socializar", isto é, em transformar em elemento de cultura universal. (Gramsci, 1978)

O título de nossa pesquisa: Alfabetização dos alunos das classes populares — ainda um desafio. A alfabetização dos alunos das classes populares continua a ser, neste final de século, um desafio àqueles que não se conformam com o *statu quo*.

A sociedade brasileira continua a produzir milhões de analfabetos, que contribuem para a manutenção de privilégios nas mãos daqueles que sempre detiveram o poder. Os excluídos do poder são excluídos de bens materiais e são também excluídos de bens culturais, ainda que produzam tanto bens materiais quanto bens culturais.

A escola desempenha um papel fundamental nessa exclusão, não apenas porque cria barreiras que impedem a entrada das crianças das classes populares (mais de oito milhões de crianças em idade de escolaridade obrigatória estão fora da escola, e possivelmente jamais a ela terão acesso), mas porque às que conseguem romper as barreiras e se matriculam são colocadas outras barreiras, que as impedem de ter sucesso na escola, ou seja, grande parte das crianças pobres saem, ao final de alguns anos, sem sequer saber ler e escrever. Saem da escola porque desistiram de insistir em aprender. Saem pior do que entraram, pois ao entrar traziam a esperança de aprender e ao sair levam a certeza de sua incapacidade, não apenas para aprender, mas uma incapacidade global. Ao saírem, após uma insistência de muitos anos, insistência insatisfeita pela escola, são rotuladas de evadidas, responsabilizadas que são por não terem aprendido o que a escola diz que ensina, e responsabilizadas ainda por terem desistido de continuar tentando. Como são elas as responsáveis por seu próprio fracasso, não há por que se perder tempo buscando outras explicações. Afinal, o importante foi resolvido, na medida em que os culpados foram identificados e, o que é mais importante, assumiram a culpa do delito imperdoável. A escola, como Pilatos, lava as mãos, e tudo continua como dantes, já que para mudar seria necessário refletir coletivamente sobre as razões estruturais e conjunturais do fracasso escolar, que, como por encanto, atinge sempre os mesmos grupos.

Nossa ação vem se dando exatamente no sentido de provocar a discussão política sobre o fracasso na alfabetização. Isto porque discutir o fracasso na alfabetização é discutir o fracasso na escola. Acreditamos que para reverter a

situação de fracasso das crianças das classes populares na escola é necessário que fique clara, para todos, a relação entre o que acontece na escola e o que acontece na sociedade. Sociedade que produz o fracasso escolar a fim de garantir o sucesso de um modelo de "desenvolvimento" excludente.

Só aceita ser excluído daquilo que produz aquele que não se percebe com direitos. E, para que a maioria da população se aceite sem direitos, é preciso que a lógica da sociedade, na qual se inclui a escola, desenvolva esta crença. Os *mass media* o fazem com extrema competência, através da ideologia do mérito, das aptidões do sucesso. Nesta sociedade tão democrática, só não tem sucesso quem não é capaz, quem não se esforça, ou mesmo quem não quer. Assim, também, na escola. Nela só não tem sucesso quem não se esforça ou "não tem aptidão para o estudo". A maioria não tem sucesso porque é preguiçosa, porque é deficiente, porque é desnutrida, porque tem problemas neurológicos ou psicológicos, porque tem déficit linguístico ou cultural, porque, porque, porque... Tantos porquês que escondem o verdadeiro porquê, que, este sim, se revelado, poderia contribuir para a mudança de um quadro, que embora tanto "envergonhe"... é tão útil. Afinal, a produção da ignorância é indispensável para que tantos privilégios sejam mantidos sem maiores reações. É necessário até que os descamisados votem em quem lhes tira as camisas.

Se, mascates pedagógicos que somos, andamos por este Brasil afora discutindo com os professores e professoras a sociedade que precisa produzir tanta ignorância, nós o fazemos porque acreditamos que a sociedade não é apenas isto, mas é também aquilo, aquilo que tanto assusta os que

detêm o poder e dele não pretendem abrir mão. Nesta mesma sociedade e nesta mesma escola há uma luta pela sua transformação. Os que estão engajados neste movimento lutam no interior da escola para reverter o fracasso escolar, construindo coletivamente um novo conhecimento, que dê conta do desafio de atuar pedagogicamente no sentido de que todas as crianças se alfabetizem, rompendo com o estigma da incapacidade para aprender.

É disso que tratamos neste livro. Nele apresentamos algumas situações com as quais nos deparamos na pesquisa que há sete anos desenvolvemos na Universidade Federal Fluminense, com um grupo do qual já saíram inúmeras teses de doutorado, dissertações de mestrado e textos, apresentados em encontros nacionais e internacionais. A pesquisa é financiada pelo CNPq desde 1988, tendo hoje duas bolsas de pesquisador, algumas bolsas de aperfeiçoamento e de iniciação científica.

Em oposição aos que descreem dos professores da rede pública oficial e que acreditam ser necessário criar uma rede paralela porque "as professoras não têm jeito mesmo... são irrecuperáveis", afirmamos a competência potencial da escola pública e, na escola, dos professores e professoras que vêm lutando para que as crianças das classes populares se alfabetizem, tornando-se leitores e escritores críticos e criativos, autores de suas leituras e escritas, capazes de romper com a histórica subalternidade a que tentaram submetê-los e de conquistar a sua autonomia. O nosso compromisso com a luta pela construção de uma escola pública de qualidade é, portanto, o direcionador de nossa ação pesquisadora.

Partimos de alguns pressupostos teórico-epistemológicos que, admitimos, carregam concepções de mundo e

de homem construídas pelo grupo na pesquisa e em nossa participação política no espaço social mais amplo.

Para nós, alfabetização é um processo contínuo, que acompanha o processo mais amplo de busca e construção de conhecimentos inerente a todo ser humano que vive numa sociedade letrada. A criança que vive exposta à linguagem escrita, inevitavelmente, se interessará por saber o que está escrito no livro, na revista, no jornal, na carta, nas instruções dos jogos, bem como em usar a escrita para expressar seus sentimentos, ideias e ações. A criança que não for bloqueada em sua curiosidade natural de conhecer o mundo que a cerca será levada a querer conhecer algo valorizado por aqueles que admira — a escrita.

Entendemos que a alfabetização não tem início a partir da entrada da criança na escola e na primeira série, como querem alguns, mas vem acontecendo desde que a criança nasce, e, segundo as últimas pesquisas, antes mesmo de ela nascer. Se a criança é capaz de reconhecer a voz da mãe ao nascer, é porque aprendeu a reconhecer o som dessa voz no útero. Se a criança é capaz de reconhecer uma música que tenha sido cantada ou tocada durante a gravidez, é porque aprendeu a melodia antes de nascer. Se aprendemos a ler através da leitura, acrescentando algo ao que já sabíamos, como defende Frank Smith, e com o que concordamos, não tem qualquer fundamento a dúvida, tão frequente nas secretarias de educação, se se deve alfabetizar ou não na educação infantil. Enquanto os técnicos não se decidem, as crianças estão se alfabetizando, queiram ou não os "responsáveis" por alfabetizá-las.

Nossa atitude enquanto pesquisadoras, coerente com nossa concepção de conhecimento, é de permanente busca

e, sobretudo, de permanente dúvida. Para nós, o critério de verdade é a prática, que confirma ou não a teoria. Assim, o ponto de partida de nossa prática pesquisadora é a prática docente, a prática alfabetizadora, e o resultado de nossas leituras teóricas da prática a ela retoma. Não estamos interessadas em compreendê-la apenas, mas em transformá-la.

Não acreditamos (e o "acreditamos" é intencional) em objetividade, em neutralidade ou em verdades absolutas e definitivas. Concordamos com Rodrigues (1989, p. 21) que "Afim, os cientistas se têm aproximado cada vez mais da convicção de que em ciência não se devem admitir proposições definitivas e derradeiras, aceitando-se as teorias apenas na condição de serem as 'melhores' disponíveis em um determinado momento e sob o viés de determinadas preocupações intelectuais". Tais teorias "melhores", segundo este novo credo, estão fatalmente destinadas à superação, tão logo surjam outras que sejam "ainda melhores" ou que possam responder a solicitações formuladas por novos prismas intelectuais. E, continuamos com Rodrigues: "O que faz do cientista um cientista... é não acreditar no mito da ciência, em neutralidade e objetividade — e é exatamente essa desconfiança o que lhe permite exigir métodos cada vez mais rigorosos, teorias crescentemente explicativas e bem formuladas, pontos de vista intelectuais sempre mais flexíveis, diversificados e abrangentes."

Estes pressupostos nos levam a considerar impossível "a formação de indivíduos críticos e criativos", conforme todos os professores colocam em seus planejamentos, embora "alfabetizem" as crianças com "o boi baba" ou "Paloma cola a mala da macaca", ensinando a, e, i, o, u, trabalhando com sílabas soltas, palavras isoladas ou frases sem sentido.

Por este caminho, ao contrário de se tornarem críticas e criativas, as crianças se tornarão conformistas, facilmente manipuláveis, treinadas que foram na linha de montagem da escola. Entram juntas, caminham juntas e devem chegar juntas, passando pelo canal estreito da "normalidade", padrão ideológico instalado na escola por um positivismo não assumido. As crianças que fogem à homogeneidade pré-definida vão sendo encaminhadas para outra "homogeneidade", a homogeneidade dos "lentos", dos "incapazes", dos "carentes", dos "deficientes", dos "alunos especiais" ou dos "renitentes". Variam as denominações, porém se mantém o mesmo preconceito em relação às crianças das classes populares, mais uma vez impedidas de acesso ao conhecimento socialmente produzido e registrado, e que é função da escola socializar.

Nossa ação pesquisadora vem se dando no sentido de desvelar o que está subjacente às práticas pedagógicas, que, embora ensinado como verdade nos cursos de formação ou de "capacitação" de professores, vem produzindo o fracasso das crianças das classes populares na escola. Desvelar e revelar é nossa preocupação permanente. Desvelar o ideológico e revelar a possibilidade de romper com as amarras nas quais vêm sendo presos professores e professoras, impedidos de exercer autonomamente a prática docente, sem o que não há possibilidade de se construir uma escola de qualidade para a classe trabalhadora.

Rio de Janeiro, verão de 1992.